

série  
a maldição do tigre

COLLEEN HOUCK

a maldição do tigre

o resgate do tigre

a viagem do tigre

o destino do tigre

a promessa do tigre



ARQUEIRO

# O Arqueiro

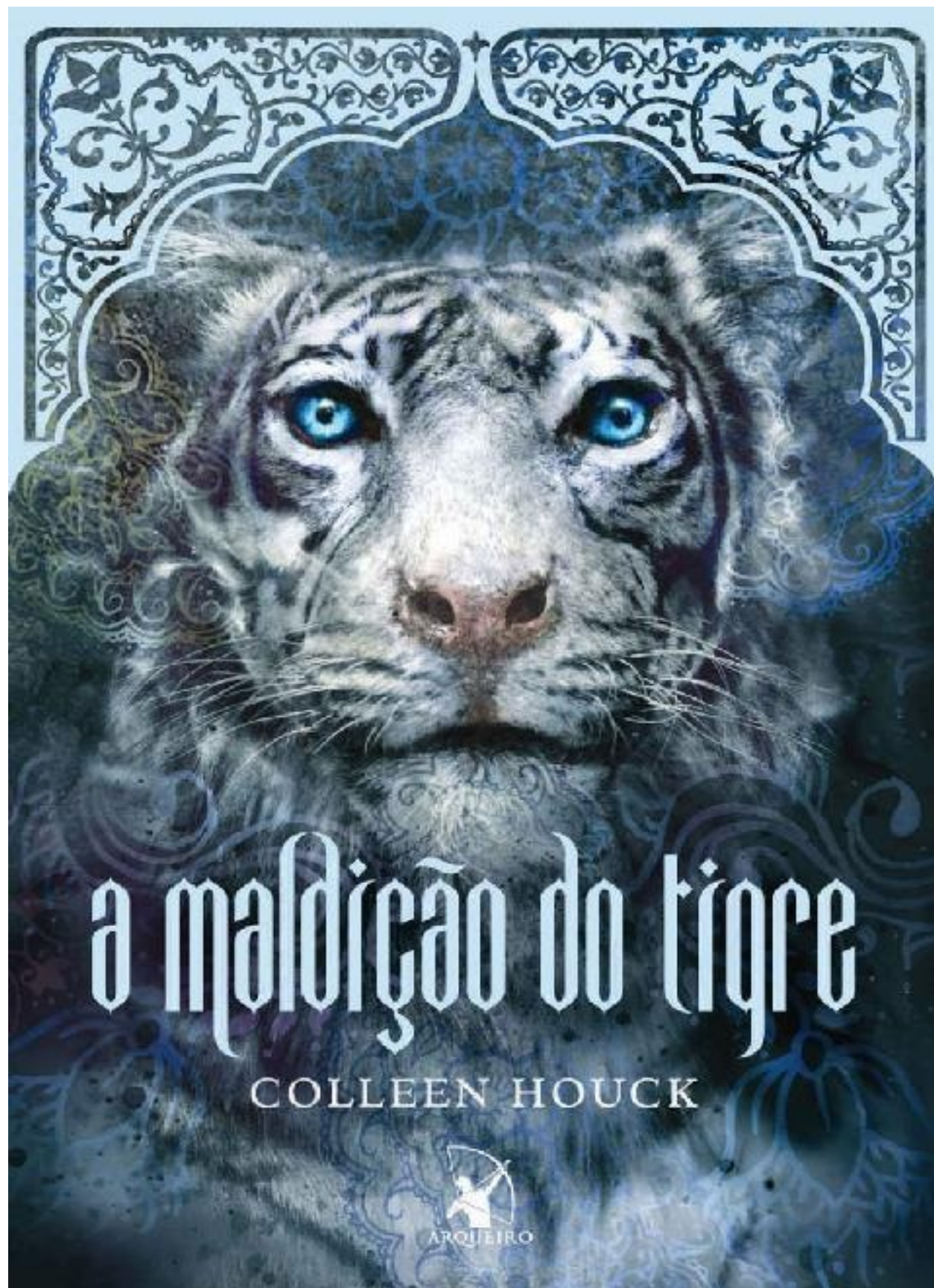
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.



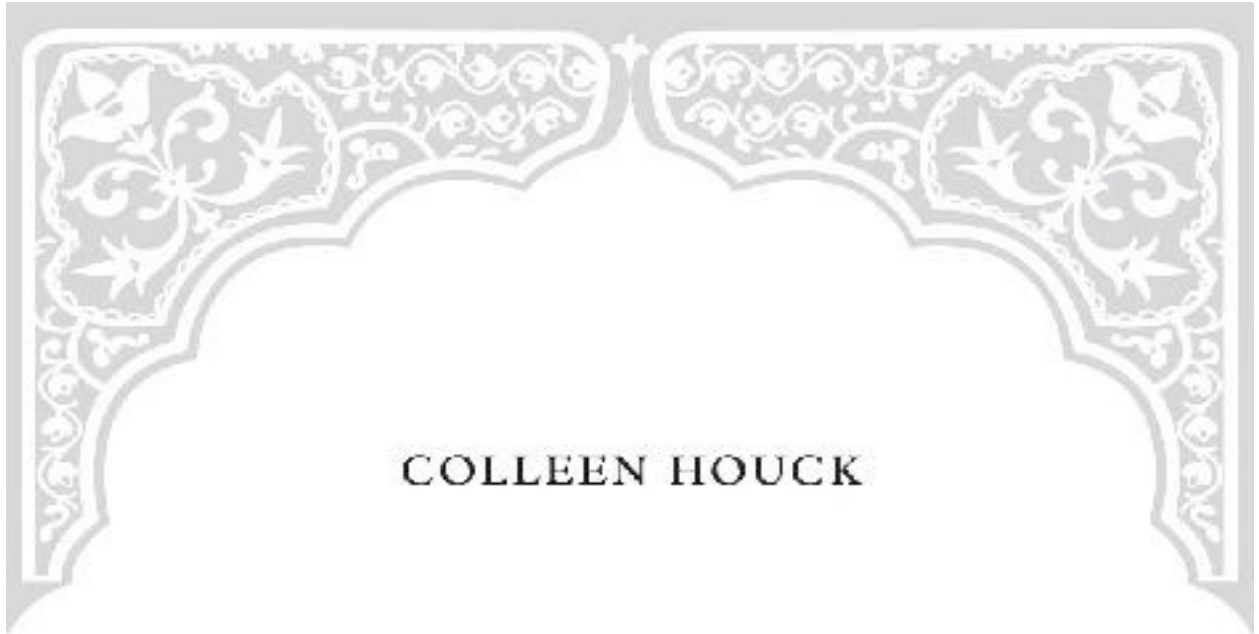
# a maldição do tigre

COLLEEN HOUCK



ARQUEIRO

a maldição do tigre

A decorative border with intricate floral and scrollwork patterns, framing the top and sides of the page.

COLLEEN HOUCK

# a maldição do tigre



Título original: *Tiger's Curse*  
Copyright © 2011 por Colleen Houck  
Copyright da tradução © 2011 por Editora Arqueiro Ltda.  
Publicado originalmente por Sterling Publishing Co., Inc.  
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução do poema “O tigre”, de William Blake, por Augusto de Campos (In: *Viva vaia: Poesia 1949-1979*. Ateliê Editorial, 2001 © Augusto de Campos). Reproduzido mediante prévia autorização da editora e do tradutor.

Tradução do Soneto XVIII, “Se te comparo a um dia de verão”, de Shakespeare, por Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça (In: *Poemas de amor de William Shakespeare*, Ediouro, 2001). Reproduzido mediante prévia autorização do espólio da tradutora.

tradução: Raquel Zampil  
preparo de originais: Melissa Lopes Leite  
revisão: Cristhiane Ruiz e Luis Américo Costa  
projeto gráfico e diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial  
capa: Katrina Damkoehler, Sterling Publishing, NY  
imagem de capa: Cliff Nielsen  
adaptação de capa: Miriam Lerner  
ebook: Simplíssimo Livros

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H831m

Houck, Colleen

A maldição do tigre [recurso eletrônico] / Colleen Houck [tradução de Raquel Zampil]. São Paulo: Arqueiro, 2012.  
recurso digital

Tradução de: Tiger's curse

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Multiplataforma

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-058-7 (recurso eletrônico)

1. Tigre - Ficção. 2. Bênção e maldição - Ficção. 3. Ficção americana. 4. Livros eletrônicos. I. Zampil, Raquel. II. Título.

12-1754

CDD: 813  
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

*Para as Lindas na minha vida.  
Uma me deu a motivação para escrever  
e a outra me deu o tempo.  
A ambas chamo irmã.*

# O tigre

*William Blake*

Tigre! Tigre! Brilho,  
brasa  
que a fuma noturna  
abrsa,  
que olho ou mão armaria  
tua feroz simetria?

Em que céu se foi forjar  
o fogo do teu olhar?  
Em que asas veio a  
chama?  
Que mão colheu esta  
flama?

Que força fez retorcer  
em nervos todo o teu ser?  
E o som do teu coração  
de aço, que cor, que ação?

Teu cérebro, quem o  
malha?  
Que martelo? Que  
fornalha  
o moldou? Que mão, que  
garra  
seu terror mortal amarra?

Quando as lanças das  
estrelas  
cortaram os céus, ao vê-

las,  
quem as fez sorriu talvez?  
Quem fez a ovelha te fez?

Tigre! Tigre! Brilho,  
brasa  
que a furna noturna  
abrasa,  
que olho ou mão armaria  
tua feroz simetria?



## A maldição

O prisioneiro estava com as mãos amarradas diante do corpo, cansado, subjugado e imundo, mas com uma postura altiva digna de sua herança indiana real. Seu captor, Lokesh, olhava-o com desdém, sentado em um trono dourado, luxuosamente esculpido. Pilares brancos e altos erguiam-se como sentinelas em torno do salão. Nem sequer um murmúrio de brisa da selva passava pelas cortinas transparentes. Tudo o que o prisioneiro podia ouvir era o tilintar rítmico dos anéis ornados com pedras preciosas de Lokesh batendo na lateral do trono dourado. Lokesh olhava-o de cima, os olhos estreitados, insolentes e triunfantes.

O homem preso era o príncipe de um reino indiano chamado Mujulaain. Oficialmente, seu título atual era Príncipe e Sumo Protetor do Império de Mujulaain, mas ele ainda preferia pensar em si mesmo apenas como o filho de seu pai.

O fato de Lokesh, o rajá de um pequeno reino vizinho chamado Bhreenam, ter sequestrado o príncipe não era tão surpreendente quanto saber quem se encontrava sentado ao lado de Lokesh: Yesubai, a filha do rajá e noiva do prisioneiro, e o irmão mais jovem do príncipe, Kishan. O cativo estudou os três, mas somente Lokesh sustentou seu olhar determinado. Sob a camisa, o amuleto de pedra do príncipe repousava frio sobre sua pele, enquanto a ira percorria-lhe o corpo.

O prisioneiro falou primeiro, lutando para manter longe de sua voz o sentimento de traição:

– Por que meu futuro pai me trata com tamanha *falta de hospitalidade*?

Indiferente, Lokesh fixou um sorriso deliberado em seu rosto.

– Meu caro príncipe, você tem algo que eu desejo.

– *Nada* que você pudesse querer justifica isto. Nossos reinos não estão

prestes a se unir? Tudo o que tenho está à sua disposição. Você só precisava pedir. Por que fez isso?

Lokesh esfregou o maxilar, os olhos brilhando.

– Planos mudam. Parece que seu irmão gostaria de tomar minha filha como noiva. Ele me prometeu certas recompensas se eu o ajudar a alcançar esse objetivo.

O príncipe voltou sua atenção para Yesubai, que, com o rosto ruborizado, exibiu uma pose submissa e recatada, com a cabeça baixa. Esperava-se que seu casamento arranjado com a moça desse início a uma era de paz entre os dois reinos. Ele estivera ausente pelos últimos quatro meses, supervisionando operações militares numa região distante, e deixara ao irmão a incumbência de cuidar do reino.

*Então Kishan estava cuidando de outras coisas além do reino.*

O prisioneiro avançou, destemido, encarou Lokesh e o desafiou:

– Você enganou a todos nós. É como uma cobra enrodilhada, escondida em um cesto esperando o momento de dar o bote.

Ele alargou o olhar para incluir o irmão e a noiva.

– Vocês não percebem? Suas ações libertaram a víbora e nós fomos picados. Seu veneno agora corre pelo nosso sangue, destruindo tudo.

Lokesh riu, desdenhoso, e falou:

– Se você concordar em entregar sua parte do Amuleto de Damon, talvez eu o deixe viver.

– Viver? Pensei que estivéssemos negociando minha noiva.

– Receio que seus direitos de noivo tenham sido usurpados. Talvez eu não tenha sido claro. Seu irmão terá Yesubai.

O prisioneiro cerrou o maxilar e disse apenas:

– Os exércitos do meu pai o destruirão se você me matar.

Lokesh riu.

– Ele não destruirá a nova família de Kishan. Nós vamos apaziguar seu querido pai e informá-lo de que você foi vítima de um infeliz acidente.

O homem afagou a barba curta e então esclareceu:

– Entenda que, mesmo que lhe permita viver, eu governarei *ambos* os reinos. – Lokesh sorriu. – Se me desafiar, serei obrigado a pegar sua parte do amuleto à força.

Kishan se inclinou na direção de Lokesh e protestou com firmeza:

– Pensei que tivéssemos um acordo. Eu só lhe trouxe meu irmão porque

ocê jurou que *não* o mataria! Apenas pegaria o amuleto.

Lokesh estendeu a mão rápido como uma cobra e agarrou o pulso de Kishan.

– A essa altura você já deveria ter aprendido que eu *pego* o que eu quiser. Se preferir a visão de onde seu irmão se encontra, ficarei feliz em satisfazê-lo.

Kishan se remexeu na cadeira, mas manteve-se calado.

Lokesh prosseguiu:

– Não quer? Muito bem, estou alterando nosso acordo anterior. Seu irmão *será* morto se não ceder aos meus desejos e *você* nunca se casará com minha filha, a menos que entregue sua parte do amuleto a mim também. Esse nosso acordo particular pode ser facilmente revogado e eu posso casar Yesubai com outro homem... um homem da *minha* escolha. Talvez um sultão velho lhe esfriasse o sangue. Se você quiser permanecer perto de Yesubai, terá que aprender a se submeter.

Lokesh comprimiu o pulso de Kishan até que ele estalou ruidosamente. Kishan não reagiu.

Flexionando os dedos e girando lentamente o pulso, Kishan se recostou, ergueu a mão para tocar o pedaço do amuleto, oculto sob sua camisa, e fez contato visual com o irmão. Uma mensagem silenciosa foi trocada entre eles.

Os irmãos lidariam um com o outro mais tarde, mas as atitudes de Lokesh significavam guerra e as necessidades do reino eram prioridade para ambos.

A obsessão subiu pelo pescoço de Lokesh, latejou em sua têtora e se assentou atrás de seus olhos negros e peçonhentos. Aqueles mesmos olhos dissecaram o rosto do prisioneiro, sondando, avaliando-o em busca de fraqueza. Encolerizado, Lokesh pôs-se de pé num salto.

– Que assim seja!

Ele puxou de sua túnica uma reluzente faca de cabo adornado com pedras preciosas e rudemente arrancou a manga do casaco *jodhpuri* do prisioneiro, antes branco, mas agora imundo. As cordas se enroscaram em seus pulsos e ele grunhiu de dor quando Lokesh correu-lhe a faca pelo braço. O corte foi fundo o bastante para que o sangue aflorasse, vertesse e pingasse no chão de ladrilhos.

Lokesh arrancou um talismã de madeira de seu pescoço e o colocou debaixo do braço do prisioneiro. O sangue gotejou da faca para o amuleto e o símbolo ali gravado fulgurou com um vermelho abrasador antes de pulsar com uma luz branca estranha.

A luz disparou na direção do príncipe com dedos tateantes que perfuraram seu peito e atravessaram-lhe todo o corpo, dilacerando-o. Embora fosse forte, ele

não estava preparado para a dor. O prisioneiro gritou quando seu corpo de repente se inflamou com uma erupção que lhe queimava a pele. Ele desabou no chão.

Estendeu as mãos para se proteger, mas só conseguiu arranhar debilmente os ladrilhos brancos e frios do piso. O príncipe viu, indefeso, quando tanto Yesubai quanto seu irmão atacaram Lokesh, que empurrou ambos com violência. Yesubai caiu no chão, batendo a cabeça com força no tablado sobre o qual se achava o trono. O príncipe tinha consciência de que o irmão estava ali perto, tomado pela tristeza à medida que a vida se esvaía do corpo mole de Yesubai. Em seguida, não teve mais consciência de nada que não fosse a dor.



## Kelsey

**E**u me encontrava à beira de um precipício. Quer dizer, eu estava apenas na fila de uma agência de empregos temporários no Oregon, mas a sensação era a de me aproximar de um despenhadeiro. A infância, a escola e a ilusão de que a vida era boa e fácil tinham ficado para trás. À frente, o futuro se delineava: a faculdade, uma variedade de empregos de verão para custear os estudos e a alta probabilidade de uma vida solitária.

A fila avançava. Parecia que eu já estava esperando ali há horas, tentando garantir uma vaga para trabalhar durante o verão. Quando finalmente chegou a minha vez, aproximei-me da mesa de uma funcionária cansada e entediada, que falava ao telefone. A mulher fez um gesto para que eu me sentasse. Depois que ela desligou, entreguei-lhe alguns formulários e ela mecanicamente deu início à entrevista:

- Nome, por favor.
- Kelsey. Kelsey Hayes.
- Idade?
- Dezesete, quase 18. Meu aniversário está chegando.

Ela carimbou os formulários.

- Já completou o ensino médio?
- Já. A formatura foi há duas semanas. Pretendo estudar na Chemeketa no próximo semestre.

- Nome dos pais?
- Madison e Joshua Hayes, mas meus tutores são Sarah e Michael Neilson.
- Tutores?

*Lá vamos nós outra vez*, pensei. Por algum motivo, explicar a minha vida nunca ficava mais fácil.

– Sim. Meus pais estão... mortos. Morreram em um acidente de carro quando eu estava no primeiro ano do ensino médio.

Ela se inclinou sobre alguns papéis e escreveu por um longo tempo. Fiz uma careta, me perguntando o que ela poderia estar escrevendo.

– Srta. Hayes, gosta de animais?

– Claro. É... eu sei como alimentá-los... – *Existe alguém mais sem jeito do que eu? Ótima maneira de não conseguir um emprego.* Pigarreei. – Quero dizer, claro, eu adoro animais.

A mulher não pareceu nem um pouco interessada na minha resposta e me entregou o anúncio de um emprego.

**PRECISA-SE DE  
TRABALHADOR TEMPORÁRIO PARA APENAS  
DUAS SEMANAS  
ATRIBUIÇÕES: VENDA DE INGRESSOS,  
ALIMENTAÇÃO DOS ANIMAIS E  
LIMPEZA DEPOIS DAS APRESENTAÇÕES.**

Observação: Como o tigre e os cães precisam  
de cuidados 24 horas por dia, fornecemos  
alojamento e refeições.

O emprego era no Circo Maurizio, um pequeno circo montado no parque de exposições. Eu me lembrei de que ganhara um cupom de desconto para ele no mercado e até havia pensado em me oferecer para levar os filhos dos meus pais adotivos, Rebecca, de 6 anos, e Samuel, de 4, para que Sarah e Mike tivessem algum tempo a sós. Mas acabei perdendo o cupom e esquecendo o assunto.

– E então: quer o emprego ou não? – perguntou a mulher, impaciente.

– Um tigre, é? Parece interessante! Tem elefantes também? Porque recolher cocô de elefante seria um pouco demais.

Ri baixinho de minha piada, mas a mulher não fez mais do que esboçar um sorriso sem graça. Como eu não tinha outras opções, disse a ela que aceitava. Ela me deu um cartão com um endereço e me instruiu a comparecer lá às seis da manhã.

– Eles precisam de mim às seis da manhã?

A funcionária simplesmente me olhou e gritou “Próximo!” para a fila atrás de mim.

*No que eu fui me meter?*, pensei enquanto entrava no carro emprestado de Sarah e seguia para casa. Suspirei. *Podia ser pior. Eu poderia ter que fritar hambúrgueres. Circos são divertidos. Só espero que não haja elefantes.*

Eu gostava de morar com Sarah e Mike. Eles me davam muito mais liberdade do que os pais da maioria dos outros adolescentes e acho que existia um respeito saudável entre nós – pelo menos tanto quanto os adultos podem respeitar uma garota de 17 anos. Eu ajudava a cuidar das crianças e não me metia em confusão. Não era o mesmo que viver com meus pais, mas ainda éramos uma espécie de família.

Estacionei o carro com cuidado na garagem, entrei em casa e encontrei Sarah atacando uma tigela com uma colher de pau. Deixei a bolsa em uma cadeira e fui pegar um copo de água.

– Preparando biscoitos *vegan* outra vez? Qual é a ocasião especial? – perguntei.

Sarah enfiava a colher de pau na massa espessa sem parar, como se a colher fosse um furador de gelo.

– É a vez de Sammy levar o lanche para os amiguinhos.

Reprimi uma risada tossindo.

Ela me encarou, estreitando os olhos.

– Kelsey Hayes, só porque sua mãe fazia o melhor *cookie* do mundo não significa que eu não possa fazer um lanche decente.

– Não é da sua habilidade que eu duvido, é dos seus ingredientes – expliquei, pegando um jarro de água. – Leite de soja, linhaça, proteína em pó e agave. Fico surpresa de você não colocar papel reciclado nessas coisas. Cadê o chocolate?

– Às vezes eu uso alfarroba.

– Alfarroba não é chocolate. Tem gosto de giz marrom. Se é para fazer biscoitos, você devia tentar...

– Já sei. Já sei. Biscoito de abóbora com gotas de chocolate ou biscoito de chocolate com manteiga de amendoim. Essas coisas fazem muito mal, Kelsey – disse ela com um suspiro.

– Mas são *tão* gostosas.

Observei Sarah lamber um dedo e continuei:

– Por falar nisso, consegui um emprego. Vou cuidar da limpeza e dar comida aos animais em um circo. Fica no parque de exposições.

– Que bom! Parece que vai ser uma ótima experiência – animou-se Sarah. –

Que tipo de animais vai alimentar?

– Cães, principalmente. E acho que tem um tigre. Mas não vou precisar fazer nada perigoso. Tenho certeza de que eles contratam profissionais para isso. O problema é que o turno começa supercedo, por isso dormirei lá pelas próximas duas semanas.

– Hum – Sarah fez uma pausa. – Bem, se precisar de nós, é só ligar. Você se importa de tirar a couve-de-bruxelas *a la* “papel reciclado” do forno?

Pousei a travessa fedorenta no centro da mesa enquanto ela colocava seu tabuleiro de biscoitos no forno e chamava as crianças para o jantar. Mike entrou, largou a pasta e beijou a mulher no rosto.

– Que cheiro é esse? – perguntou ele, desconfiado.

– Couve-de-bruxelas – respondi.

– E fiz biscoitos para os amiguinhos de Sammy – anunciou Sarah, orgulhosa. – Vou separar o melhor para você.

Mike me dirigiu um olhar de cumplicidade que Sarah não deixou passar. Ela o acertou na coxa com o pano de prato.

– Se você e Kelsey ficarem se comportando desse jeito, vão arrumar a cozinha.

– Ah, querida. Não fique zangada.

Ele tornou a beijar Sarah e a abraçou, fazendo o possível para se livrar da tarefa.

Achei que essa fosse minha deixa para sair. Enquanto eu escapava sorrateiramente da cozinha, ouvi Sarah dar uma risadinha.

*Eu queria que um dia um cara tentasse se livrar da louça comigo da mesma forma, pensei e sorri.*

Aparentemente, Mike negociou bem, pois ficou com a tarefa de pôr as crianças na cama em vez de arrumar a cozinha. A louça sobrou para mim. Eu não me importei, mas, assim que acabei, decidi que era hora de ir para a cama também. Seis da manhã era cedo demais.

Em silêncio, subi as escadas para o meu quarto. Era um espaço pequeno e aconchegante, com uma cama de solteiro, uma cômoda com espelho, uma mesa para o meu computador e para os deveres de casa, um armário, minhas roupas, meus livros, uma cesta de fitas de cabelo coloridas e a colcha de retalhos da minha avó.

Minha avó fez aquela colcha quando eu era pequena. Apesar de ser muito nova, eu me lembro de vê-la costurando os retalhos, sempre usando o dedal de metal. Tracei uma borboleta na colcha velha, puída nos cantos, recordando como

eu havia roubado o dedal de sua caixa de costura uma noite só para senti-la perto de mim. Embora eu já fosse adolescente, ainda dormia com aquela colcha todas as noites.

Coloquei o pijama, desfiz a trança do cabelo e o escovei, pensando em como mamãe costumava fazer isso para mim enquanto conversávamos.

Enfiei-me debaixo das cobertas quentes, acertei o alarme para, *argh*, 4h30 e me perguntei o que eu poderia fazer com um tigre tão cedo assim e como eu sobreviveria ao circo confuso que já era a minha vida. Meu estômago roncou.

Olhei na mesinha de cabeceira as duas fotografias que mantinha ali. Uma era de nós três: mamãe, papai e eu, no ano-novo. Eu tinha acabado de fazer 12 anos. Meus cabelos castanhos compridos haviam sido enrolados, mas na foto aparecem lambidos porque eu dera um ataque para não usar o laquê. Eu sorria, apesar do reluzente aparelho nos dentes. Agora me sentia grata pelos dentes brancos e alinhados, mas naquela época eu odiava aquele aparelho com todas as minhas forças.

Toquei o vidro, pousando o polegar na imagem do meu rosto pálido. Eu sempre sonhara em ser esbelta, bronzeada, loura e de olhos azuis, mas tinha os mesmos olhos castanhos do meu pai e a tendência a engordar da minha mãe.

A outra era uma foto espontânea dos meus pais no dia do seu casamento. Via-se um lindo chafariz ao fundo, e eles eram jovens, felizes e sorriam um para o outro. Eu queria aquilo para mim um dia. Queria alguém que olhasse para mim daquela maneira.

Depois de virar de bruços e afofar o travesseiro debaixo da bochecha, adormeci pensando nos *cookies* da minha mãe.

Naquela noite, sonhei que estava sendo perseguida na selva e, quando me virei para olhar meu perseguidor, levei um susto ao ver um grande tigre. No sonho, eu ri e então me virei e corri mais depressa. O som de patas delicadas e macias me seguia, no mesmo ritmo do meu coração.



## O circo

O despertador me arrancou de um sono profundo às 4h30 da manhã. O clima ficaria ameno. Os dias no Oregon raramente eram quentes demais. Algum governante deve ter aprovado uma lei muito tempo atrás determinando que o estado teria sempre temperaturas moderadas.

Estava amanhecendo. O sol ainda não havia vencido as montanhas, mas o céu já estava clareando, dando às nuvens no horizonte, a leste, um tom cor-de-rosa de algodão-doce. Devia ter chuviscado durante a noite, porque eu podia sentir um cheiro agradável de grama molhada.

Pulei da cama, liguei o chuveiro, esperei até o banheiro ficar quente e cheio de vapor, e então entrei no boxe e deixei a água quente bater em minhas costas para acordar os músculos sonolentos.

*O que se veste para trabalhar num circo?* Sem saber o que seria adequado, pus uma camiseta de mangas curtas e calça jeans. Depois calcei meus tênis, sequei os cabelos com a toalha e fiz rapidamente uma trança que amarrei com uma fita azul. Em seguida apliquei um pouco de brilho labial e *voilà*: meu traje de circo estava completo.

*Hora de fazer a mala.* Imaginei que não ia precisar levar muita coisa, somente umas poucas peças que me deixassem confortável, até porque ficaria lá apenas duas semanas e sempre poderia dar um pulo em casa. Vasculhei o armário e escolhi três conjuntos de roupas. Abri as gavetas da cômoda, peguei algumas meias e enfiei tudo em minha infalível mochila da escola. Então juntei produtos de higiene, alguns livros, meu diário, algumas canetas e lápis, minha carteira e as fotos da minha família. Enrolei a colcha de retalhos, apertei-a por cima de tudo e forcei o zíper até fechar.

Desci a escada com a mochila no ombro. Sarah e Mike já estavam

acordados, tomando o café da manhã. Eles acordavam absurdamente cedo todos os dias para *correr*.

– Oi, bom dia, pessoal – murmurei.

– Oi, bom dia para você também – disse Mike. – Está pronta para começar no emprego novo?

– Estou. Vou vender ingressos e fazer companhia a um tigre por duas semanas. Não é ótimo?

Ele deu uma risadinha.

– É, parece bem legal. Mais interessante do que a administração pública, pelo menos. Quer uma carona? Vou passar pelo parque de exposições a caminho da cidade.

Eu sorri para ele.

– Claro. Obrigada, Mike – respondi.

Com a promessa de ligar para Sarah regularmente, peguei uma barrinha de cereais, me forcei a engolir meio copo de leite de soja e me dirigi para a porta com Mike.

Chegando ao parque de exposições, vi uma grande placa azul na rua anunciando os próximos eventos. Numa faixa larga e chamativa, lia-se:

**O PARQUE DE EXPOSIÇÕES DO CONDADO DE POLK  
DÁ AS BOAS-VINDAS AO**

**CIRCO MAURIZIO**

**APRESENTANDO OS ACROBATAS MAURIZIO  
E O FAMOSO DHIREN!**

*Vamos nessa.* Suspirei e comecei a percorrer o caminho de cascalho na direção da construção principal. O complexo central parecia um grande avião ou um bunker militar. A pintura estava rachada e descascando em alguns pontos, e as janelas precisavam ser lavadas. Uma grande bandeira americana tremulava ao vento, enquanto a corrente à qual estava presa tilintava suavemente contra o mastro de metal.

O parque de exposições era formado por um estranho grupo de edifícios antigos, um pequeno estacionamento e um caminho de terra que serpenteava entre todos os pontos e cercava o perímetro. Dois caminhões-plataforma compridos estavam estacionados ao lado de várias tendas de lona branca. Cartazes do circo pendiam por toda parte – havia pelo menos um cartaz grande em cada edifício. Alguns retratavam acrobatas. Outros tinham fotos de

malabaristas.

Não vi nenhum elefante e deixei escapar um suspiro de alívio. *Se houvesse elefantes por aqui, eu provavelmente já teria sentido o cheiro deles.*

Um cartaz rasgado esvoaçava na brisa. Peguei-o pela borda e o alisei sobre o poste. Era a foto de um tigre branco. *Muito prazer!*, pensei. *Espero que seja só um... e que não goste de devorar adolescentes.*

Abri a porta do edifício principal e entrei. A área central havia sido transformada em um circo de um só picadeiro. Fileiras de cadeiras vermelhas estavam empilhadas junto às paredes.

Havia algumas pessoas conversando em um dos cantos. Um homem alto, que parecia o encarregado, estava um pouco afastado do grupo, escrevendo em uma prancheta e inspecionando caixas. Segui direto para ele e me apresentei.

– Oi, meu nome é Kelsey. Sua funcionária temporária.

Ele me olhou de cima a baixo enquanto mascava alguma coisa, que então cuspiu no chão.

– Dê a volta por trás, saindo por aquelas portas ali, e dobre à esquerda. Você vai ver um trailer preto e prateado estacionado.

– Obrigada!

A cusparada de fumo me enojou, mas consegui sorrir para ele mesmo assim. Segui para o trailer e bati à porta.

– Só um minuto – gritou uma voz masculina.

A porta se abriu inesperadamente rápido e eu dei um pulo para trás. Um homem de túnica avultou-se à minha frente, rindo de minha reação. Ele era muito alto, fazendo meu 1,70 metro parecer a estatura de um anão, e tinha uma barriga proeminente. Cabelos negros e encaracolados cobriam seu couro cabeludo, mas a linha do cabelo começava um pouquinho além de onde deveria estar. Sorrindo para mim, ele ergueu a mão para pôr a peruca no lugar. Um bigode fino e preto, com as extremidades enroladas em duas pontas finas, projetava-se acima dos lábios. Também tinha uma barbicha quadrada no queixo.

– Não se intimide com a minha aparência – disse ele.

Baixei os olhos e fiquei vermelha.

– Não estou intimidada. É que parece que eu o peguei de surpresa. Desculpe se o acordei.

Ele riu.

– Eu gosto de surpresas. Elas me mantêm jovem e bonito.

Dei uma risadinha, mas a interrompi rapidamente ao lembrar que era provável que aquele fosse meu novo chefe. Pés de galinha cercavam seus olhos

azuis cintilantes. A pele era bronzeada, o que destacava o sorriso de dentes brancos e grandes. Ele parecia o tipo de homem que estava sempre rindo de uma piada que só ele sabia qual era.

Com uma ribombante voz teatral, com forte sotaque italiano, ele perguntou:

– E quem seria você, jovem?

Sorri, nervosa.

– Oi. Meu nome é Kelsey. Fui contratada para trabalhar aqui por algumas semanas.

Ele se inclinou para me cumprimentar. A mão dele envolveu completamente a minha e ele a sacudiu para cima e para baixo, com entusiasmo suficiente para fazer meus dentes chacoalharem.

– Ah, *stupendo!* Que oportuno! Bem-vinda ao Circo Maurizio! Estamos um pouco... como se diz, com pouca mão de obra, e precisamos de alguma *assistenza* enquanto permanecermos em sua *magnifica città*. É esplêndido tê-la aqui! Vamos começar *all'istante*.

Ele olhou para uma garota loura bonita, de uns 14 anos, que estava passando.

– Cathleen, leve esta *giovane donna* para Matt e diga-lhe que está *incaricato* de treiná-la hoje. – Voltou-se novamente para mim. – Prazer em conhecê-la, Kelsey. Espero que te *piaccia*, ah, que você goste de trabalhar aqui em nossa *piccola tenda di circo!*

– Obrigada. Foi um prazer conhecê-lo também – repliquei.

Ele piscou para mim, então deu meia-volta, entrou em seu trailer e fechou a porta.

Cathleen sorriu e me levou, dando a volta no edifício, até os alojamentos do circo.

– Bem-vinda ao grande... é, bem, pequeno circo! Venha comigo. Poderá dormir na minha tenda, se quiser. Tem algumas camas extras lá. Minha mãe, minha tia e eu dividimos o espaço. Viajamos com o circo. Minha mãe e minha tia são acrobatas. Nossa tenda é legal, se puder ignorar todos aqueles trajes de espetáculo.

Ela me levou até sua tenda. Guardei a mochila debaixo da cama vaga e olhei à minha volta. Ela tinha razão sobre os trajes. Rendas, lantejoulas, penas e peças de lycra cobriam todas as superfícies da tenda espaçosa. Havia também uma mesa espelhada e iluminada com maquiagem, escovas de cabelo, grampos e bobes espalhados sobre cada centímetro quadrado da superfície.

Em seguida, encontramos Matt, que parecia ter 14 ou 15 anos. Tinha

cabelos castanhos e curtos, olhos também castanhos e um sorriso despreocupado. Estava tentando montar sozinho uma barraca de venda de ingressos – sem sucesso.

– Oi, Matt – disse Cathleen, enquanto segurávamos a base da barraca para ajudá-lo.

*Ela enrubesceu. Que gracinha.*

– Esta é a Kelsey – continuou Cathleen. – Vai ficar aqui duas semanas. É você quem vai explicar tudo a ela.

– Sem problemas – disse ele. – Até já, Cath.

– Até.

Ela sorriu e se foi.

– Então, Kelsey, acho que vai ser minha assistente hoje. Você vai adorar – disse ele, brincando comigo. – Eu cuido das barracas de ingressos e de souvenirs, e também sou o lixeiro e o estoquista. Basicamente, faço tudo que precisa ser feito por aqui. Meu pai é o domador dos animais.

– Que emprego legal o dele – repliquei. – Bem, pelo menos parece melhor do que lixeiro.

Matt riu.

– Vamos ao trabalho! – disse ele.

Passamos as horas seguintes arrastando caixas, reabastecendo as barracas e preparando tudo para o público.

*Ai, estou fora de forma, pensei enquanto meus bíceps protestavam.*

Papai costumava dizer que o trabalho duro mantém você centrado sempre que mamãe inventava um projeto novo e árduo, como plantar um jardim. Ele era infinitamente paciente e, quando eu me queixava do trabalho extra, ele se limitava a sorrir e dizer: “Kells, quando você ama alguém, aprende a dar e receber. Um dia isso vai acontecer com você.”

Por algum motivo, eu duvidava de que essa fosse uma daquelas situações.

Quando estava tudo pronto, Matt me mandou até Cathleen para que eu me trocasse e vestisse uma roupa do circo – que vinha a ser dourada e brilhante, algo de que eu normalmente não teria nem me aproximado.

*É melhor que este emprego valha o sacrifício,* murmurei baixinho, enfiando a cabeça pela gola cintilante.

Vestida em meu novo traje, fui até a barraca de ingressos e vi que Matt havia instalado a tabuleta de preços. Ele me aguardava com instruções, uma caixa com chave e os ingressos. Também havia me trazido uma sacola com o almoço.

– É hora do espetáculo. Coma isto depressa. Os ônibus de um acampamento infantil estão a caminho.

Antes que eu pudesse terminar de comer, as crianças do acampamento avançaram sobre mim em uma estridente confusão. Meu sorriso de atendimento ao cliente provavelmente parecia mais uma careta assustada. Não havia para onde eu correr. Elas me cercavam por todos os lados, cada uma gritando por atenção.

Os adultos se aproximaram e eu perguntei, esperançosa:

– Vocês vão pagar por todos os ingressos de uma vez?

– Ah, não – respondeu um dos professores. – Decidimos deixar cada criança comprar o próprio ingresso.

– Ótimo – murmurei com um sorriso amarelo.

Cathleen logo se juntou a mim e trabalhamos até ouvirmos a música do início do espetáculo. Fiquei ali sentada por mais uns 20 minutos, mas ninguém apareceu, então tranquei a caixa do dinheiro e encontrei Matt dentro da tenda assistindo ao espetáculo.

O homem que eu conhecera mais cedo naquela manhã era o apresentador.

– Qual é o nome dele? – perguntei a Matt em um sussurro.

– Agostino Maurizio – respondeu ele. – É o dono do circo e os acrobatas são todos da família dele.

O Sr. Maurizio chamou os palhaços, os acrobatas e os malabaristas, e comecei a me divertir com o espetáculo. Logo depois, porém, Matt me cutucou e me indicou a barraca de souvenirs. O intervalo ia começar em breve: hora de vender balões de gás.

Juntos, enchamos dezenas de balões multicoloridos usando um tanque de hélio. As crianças estavam frenéticas! Corriam por todas as barracas e contavam suas moedas, querendo gastar cada centavo.

Matt recebia o dinheiro enquanto eu enchia os balões. Eu nunca tinha feito aquilo antes e estourei alguns, o que assustou as crianças, mas tentei transformar os estouros ruidosos em uma brincadeira, gritando “Oopa!” todas as vezes que isso acontecia. Logo, logo todas elas estavam gritando “Oopa!” junto comigo.

A música recomeçou e as crianças correram de volta aos seus lugares, agarradas a suas diversas aquisições. Vários meninos haviam comprado espadas que brilhavam no escuro e agora as agitavam no ar, ameaçando uns aos outros alegremente.

Quando nos sentamos, o pai de Matt entrou no picadeiro para fazer seu número com os cães. Então foi novamente a vez dos palhaços, que fizeram

várias brincadeiras com membros da plateia. Um deles jogou um balde de confete sobre as crianças.

*Maravilha! Provavelmente vou ter que varrer tudo isso.*

Em seguida, o Sr. Maurizio reapareceu. Uma dramática música de safári começou a tocar e as luzes do circo se apagaram. Apenas um holofote iluminava o apresentador no centro do picadeiro.

– E agora... o ponto alto do nosso *spettacolo*! Ele foi tirado das selvas da Índia e trazido aqui para os Estados Unidos. É um caçador feroz que espreita sua presa na floresta, atento, esperando o momento certo, e então... salta para o ataque!

Enquanto ele falava, homens trouxeram uma jaula grande e redonda. Tinha o formato de uma tigela gigante emborcada, com um túnel de arame acoplado a um dos lados. Eles a deixaram no centro do picadeiro e prenderam cadeados em anéis de metal engastados em blocos de cimento.

O Sr. Maurizio prosseguiu. Ele rugia no microfone e as crianças todas pulavam em suas cadeiras. Dei risada dos movimentos teatrais do Sr. Maurizio. Ele era um bom contador de histórias.

– Este tigre é um dos predadores mais perigosos do mundo inteiro! – afirmou ele. – Observem com atenção nosso domador arriscar sua vida para lhes trazer... Dhiren!

Ele jogou a cabeça para a direita e então deixou o palco correndo enquanto o foco do holofote deslizava para as abas da lona na extremidade da construção. Dois homens haviam arrastado até ali um antigo vagão de animais.

O vagão tinha um teto branco, curvo e de bordas douradas, grandes rodas pretas pintadas de branco nas extremidades e raios ornamentais esculpidos que haviam sido pintados de dourado. Barras de metal pretas subiam de ambos os lados do vagão formando um arco no alto.

Uma rampa saindo da porta foi presa ao túnel de arame no momento em que o pai de Matt entrou na jaula. Ali dentro, ele arrumou três banquetas. Vestia um traje dourado impressionante e brandia um chicote curto.

– Soltem o tigre! – ordenou.

As portas do vagão se abriram e um homem cutucou o animal pelo lado de fora. Prendi a respiração quando um enorme tigre branco surgiu, desceu a rampa e entrou no túnel. Um instante depois, ele estava na jaula grande, com o pai de Matt. O chicote estalou e o tigre saltou para uma banquetas. Outra chicotada e o tigre se ergueu nas patas traseiras, arranhando o ar com suas garras. A multidão irrompeu em aplausos.

O tigre saltou de banqueta em banqueta enquanto o pai de Matt seguia afastando as banquetas cada vez mais. No último salto, prendi a respiração. Eu não tinha certeza se o tigre conseguiria alcançar a banqueta seguinte, mas o pai de Matt o encorajava. Retesando-se, o animal se abaixou, avaliou cuidadosamente a distância e então saltou, transpondo o espaço.

Seu corpo inteiro se manteve no ar durante vários segundos, com as pernas estiradas à frente e atrás. Era um animal magnífico. Alcançou a banqueta com as patas dianteiras e pousou as patas traseiras graciosamente. Virando-se no pequeno banco, ele girou o corpo imenso com facilidade e se sentou de frente para o domador.

Aplaudi por muito tempo, totalmente impressionada com a grande fera.

O tigre rugiu a um comando, ergueu-se nas patas traseiras e agitou as patas dianteiras no ar. O pai de Matt gritou mais um comando. O tigre desceu da banqueta com um salto e correu em círculo pela jaula. O domador fez o mesmo, mantendo os olhos fixos no animal. Ele segurava o chicote logo atrás da cauda do tigre, estimulando-o a continuar correndo. O pai de Matt fez um sinal e um rapaz passou uma grande argola pelas grades da jaula. O tigre saltou por ela, então virou-se rapidamente e repetiu o salto várias vezes.

O último número do domador foi pôr a cabeça dentro da boca do tigre. Uma onda de silêncio envolveu a multidão e Matt retesou-se. O tigre abriu a boca enorme. Vi os dentes afiados e me inclinei para a frente, preocupada. O pai de Matt aproximou lentamente sua cabeça do tigre. O animal piscou algumas vezes, mas manteve-se firme, e suas poderosas mandíbulas escancararam-se ainda mais.

O pai de Matt baixou a cabeça, enfiando-a na boca do tigre. Após alguns segundos, ele tirou a cabeça devagar. Quando estava livre e já havia se afastado do tigre, o público aplaudiu, enquanto ele se curvava várias vezes, agradecendo. Outros ajudantes apareceram para ajudar a levar a jaula.

Meus olhos foram atraídos para o tigre, que agora estava sentado em uma das banquetas. Vi que ele movia a língua, franzindo a cara, como se farejasse algo curioso. Quase parecia que ele estava engasgado, como um gato que engole uma bola de pelos. Então ele se sacudiu e ficou ali calmamente sentado.

O pai de Matt ergueu as mãos e ganhou mais aplausos. O chicote tornou a estalar e o tigre saltou da banqueta, voltou correndo pelo túnel, subiu a rampa e entrou em seu vagão. O pai de Matt saiu correndo do picadeiro e desapareceu atrás da cortina de lona.

– O Grande Dhiren! – gritou o Sr. Maurizio dramaticamente. – *Mille grazie!* Muitíssimo obrigado por virem ao Circo Maurizio!

Quando a jaula do tigre passou diante de mim, tive uma vontade súbita de acariciar-lhe a cabeça e confortá-lo. Eu não sabia se tigres podiam demonstrar emoções, mas por algum motivo eu tinha a impressão de que podia sentir seu estado de espírito. Parecia melancólico.

Exatamente nesse momento, uma brisa suave me envolveu com o perfume de jasmim e de sândalo, sobrepujando o forte aroma de pipoca com manteiga e algodão-doce. Meu coração disparou enquanto um arrepio percorria meus braços. Mas, tão rápido quanto veio, o cheiro delicioso desapareceu e senti um inexplicável vazio na boca do estômago.

As luzes se acenderam e as crianças começaram a sair em debandada da arena. Meu cérebro ainda estava ligeiramente confuso. Devagar, levantei-me e me virei para fitar a cortina atrás da qual o tigre havia desaparecido. Um leve vestígio de sândalo e uma sensação inquietante persistiam.

*Ah! Devo ter algum transtorno mental.*

O espetáculo havia acabado e eu estava completamente louca.



## O tigre

As crianças deixaram o circo fazendo um tumulto estridente. Um ônibus deu a partida no estacionamento. Enquanto ele despertava ruidosamente, sibilando e soltando fumaça pelo cano de descarga, Matt se levantou e espreguiçou-se.

– Pronto para o trabalho de verdade?

Gemi, sentindo os músculos dos braços já doloridos.

– Claro. Vamos lá.

Ele começou a limpar a sujeira das cadeiras, que eu ia empurrando contra a parede. Depois me entregou uma vassoura.

– Agora temos que varrer a área toda, guardar tudo nas caixas e então arrumá-las novamente. Você começa enquanto vou entregar o dinheiro ao Sr. Maurizio.

– Sem problemas.

Comecei a percorrer o lugar lentamente, empurrando a vassoura à minha frente. Minha mente voltou aos números circenses que eu vira. Gostara mais dos cães, mas havia algo de irresistível no tigre. Meus pensamentos continuavam voltando ao grande felino.

*Como será ele de perto? E por que cheira a sândalo?* Eu nada sabia sobre tigres, exceto o que vira tarde da noite nos canais de documentários e lera em exemplares antigos da *National Geographic*. Eu nunca havia me interessado por tigres, mas, por outro lado, também nunca trabalhara em um circo.

Eu já tinha quase terminado de varrer quando Matt voltou. Ele se abaixou para me ajudar a recolher o gigantesco monte de lixo antes de passarmos uma boa hora arrumando caixas e arrastando-as de volta ao depósito.

Com esse trabalho pronto, Matt me disse que eu podia ter uma ou duas horas de folga até a hora de me juntar à trupe para o jantar. Eu estava ansiosa

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Box A maldição do tigre"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).